



Gregorio Nuvivier



LISBOA
TINTA-DA-CHINA
MMXV

As crónicas reunidas neste livro foram originalmente publicadas no jornal *Folha de São Paulo* entre Julho de 2013 e Agosto de 2015.

© 2015, Gregorio Duvivier e Edições Tinta-da-china, Lda.
Rua Francisco Ferrer, 6A
1500-461 Lisboa
Tels.: 21 726 90 28 / 29 / 30
info@tintadachina.pt
www.tintadachina.pt

Título: *Caviar é uma ova*
Autor: Gregorio Duvivier
Revisão: Tinta-da-china
Composição: Tinta-da-china
Capa: Tinta-da-china

1.ª edição: Outubro de 2015

ISBN 978-989-671-278-5
Depósito Legal n.º 398010/15

Índice

7	Mas antes	57	Péssimo mau gosto
9	Se eu morresse...	59	Remissão voluntária
11	Se o prédio tivesse 30 andares	61	Horóscopo
13	Breve história da internet	63	A Família Brasileira
15	Werner	65	Assunto urgente
17	Piada	67	Acabou a baderna
19	A vida no hospício	69	Procrastinação
21	É menina	71	Hipster de bloco
23	A religião dos outros	73	A presidenta e o teleprompter
25	É menino	75	A caravana passa
27	A coluna inútil daquele maconheiro	77	Meu irmão
29	Túnel do tempo	79	Nuances
31	História real	81	Moda reaçã
33	E eles viveram felizes para sempre	83	Obrigado, amigos
35	Nosso filho	85	Meus pais
37	Amizade platônica	87	O homem de 2003
39	O ovo	89	Orgulho hétero
41	Divisão de bens	91	Desculpa qualquer coisa
45	Partido novo do Estado mínimo	93	Não estou aqui
47	A metade do copo	95	Par perfeito
49	O espirro e a imprensa	97	Ódio chapa-branca
51	Conto de Natal	99	O sujeito detestável
53	Esse ano passou rápido	101	Pardon anything
55	Xingamento	103	Autor não encontrado
		105	Calma, Cláudio
		107	Churros
		109	Demente

Mas antes

111	Deus e a Copa	179	O céu fica aqui pertinho
113	Spoilers	183	Haters gonna hate
115	O seguro morreu de chato	185	Neologismos
117	Baixinho	187	Aquele que não pode ser nomeado
119	Glossário diferenciado	189	Jardim dos Impeachments que se Bifurcam
121	O palhaço Grock	191	Bíblia secreta – parábolas apócrifas
123	O país e o armário	193	Vergonha parcelada
125	Terezinha	195	Viver para postar
127	Triste balneário	197	Contra a corrupção!
129	Desculpa, São Paulo	199	Calvofobia
131	O que aprendi com quem	201	Álvaro, me adiciona
133	Serhumanidade	203	Social das redes sociais
135	A lei é para poucos	205	Crônica de raiz
137	Terra estrangeira	207	O novo pau-de-selfie
139	Chupa, Dado	209	Que ódio
141	Perdemos	211	Minha Terra Tem Marcos Palmeira
143	Estágios do assalto	215	A língua impalpável
145	Ator e autor	217	Querido pastor
147	Sísifa feliz	219	A privada e a bicicleta
149	Empatia é quase amor	221	RIP Rio
151	Todos atentos olhando pra a TV	223	Não quer ajudar, não atrapalha
153	A cerimônia do adeus	225	My name is Cunha
155	Sábado	227	Protesto contra excelência
157	Capricha no chorinho	229	Não entendo
159	Somos todos pinguins	231	Por que odiar o PT
161	Viva a falta de respeito, humor não é ofensivo	233	Não era amor, era cilada
165	O grande romance do século 21	235	Aquele mamão mofado
167	Minha avó Ivna		
169	Lembrar de esquecer		
171	Abraço caudaloso		
173	O sangue que corre em nossas veias		
175	Bloco do Piauí Herald	237	Índice onomástico

Ela saiu de casa batendo a porta. Mas antes ele tinha mandado ela tomar no cu. Mas antes ela tinha pedido que ele pelo menos limpasse a merda que fez. Mas antes ele tinha derramado vinho no tapete. Mas antes ela tinha duvidado de que ele derramaria o vinho todo no tapete. Mas antes ele tinha dito que derramaria o vinho todo no tapete. Mas antes ela tinha dito que a culpa não era dela de ele não ter um emprego. Mas antes ele tinha dito que ela não precisava jogar na cara que ele não tinha dinheiro nem para comprar um tapete. Mas antes ela tinha dito que a mãe dela merecia respeito, afinal de contas foi ela quem mobiliou o apartamento, do ventilador ao tapete. Mas antes ele tinha dito que a mãe dela era uma vaca. Mas antes a mãe dela tinha saído do apartamento batendo a porta. Mas antes ele tinha pedido que a mãe dela saísse, de preferência sem bater a porta. Mas antes a mãe dela tinha dito que ele estava mais gordo. Mas antes ele tinha dito que a mãe dela estava mais velha. Mas antes a mãe dela perguntou se ele tinha conseguido o emprego. Mas antes ele disse que a mãe dela chegar de surpresa era só o que faltava. Mas antes a mãe dela tinha chegado de surpresa. Mas antes eles tinham se beijado e pedido desculpas e prometido que não iam brigar. Mas antes ele perguntou por que é que nada que ele faz nunca está bom. Mas antes ela tinha reclamado que ele não sabia nem abrir

um vinho. Mas antes ele tinha tentado abrir um vinho. Mas antes ela tinha sugerido que ele abrisse o vinho. Mas antes eles tinham se beijado. Mas antes eles tinham deixado os filhos na casa da irmã dele. Mas antes eles tinham dito que seria uma noite linda. Mas antes eles tinham passado no supermercado e comprado o melhor vinho. Mas antes ela tinha dito que tinha muito orgulho do marido que ele era. Mas antes ele tinha chorado porque não era assim que ele se imaginava aos 35. Mas antes ele tinha sido recusado na entrevista de emprego. Mas antes ela tinha dito que confiava cegamente nele. Mas antes ele tinha dito que era só uma entrevista de emprego, e que nada estava certo ainda. Mas antes eles tinham combinado de comemorar as duas coisas, o aniversário e o emprego novo. Mas antes eles tinham acordado e percebido que, naquela noite, eles iriam comemorar sete anos juntos. Mas antes eles tinham sido felizes. Isso antes.

Se eu morresse...

Se eu atravessasse a rua agora, eu morria atropelado por aquele carro preto. Era bom, porque assim eu não precisava entregar o texto dessa semana. Mas ia ser um drama fodido.

O dono do carro preto ia ficar bem puto. Depois ia ficar bem mal. Depois ia ficar bem puto, de novo, porque o sinal tava aberto pra ele. E o carro preto ia ficar bem esvaçalhado. Dei uma engordada que ia ser fatal pro carro preto. O dono do carro preto ia sair me xingando, só depois ia perceber que eu já morri.

Aí ele ia ficar mal de novo. As pessoas iam ficar putas com ele, porque ninguém fica puto com quem já morreu. Mas o sinal tava aberto pra mim, ele ia dizer. Talvez alguém me reconhecesse: esse cara faz uns vídeos pra internet. Talvez virasse uma comoção.

A *Folha* ia publicar uma homenagem no lugar onde é a coluna, o Porta dos Fundos talvez lançasse um vídeo-homenagem, com meus melhores momentos editados, uma música emocionante. Fora que 27 anos é uma idade ótima pra morrer, tem um monte de gente legal que morreu com 27 anos e as pessoas iam me botar no meio dessa lista. Ia parecer que eu faço parte de um grupo: “Nós, que morremos com 27.” Ia parecer que eu tinha levado uma vida muito mais maldita e muito mais interessante.

Talvez eu virasse nome de rua. A rua em que eu morri. A própria Marquês de São Vicente talvez passasse a se chamar rua Gregorio Duvivier, com a legenda: mártir dos atropelados. Se bem que o sinal tava vermelho pra mim. Nunca iam homenagear um cara que atravessou no sinal fechado. E a Marquês é uma rua muito grande.

Talvez valesse mais a pena eu ser atropelado numa rua menor. Na rua das Acácias, por exemplo, eu tinha mais chance. Aí sim, rolava meu nome. Ou não. Rua das Acácias é um nome bonito, os moradores iam preferir manter. E ninguém atropela ninguém por ali. As pessoas iam achar suspeito. Iam pensar: esse daí se jogou na frente do carro só pra virar nome de rua.

Talvez aqui na Marquês seja mais fácil. Talvez aqui eu consiga emplacar um canteiro. Canteiro Gregorio Duvivier. Não. Canteiro não costuma ter nome.

Talvez, no máximo, uma plaquinha: aqui morreu Gregorio Duvivier, que fazia vídeos pra internet e escreveu um livro de poemas. Que ninguém leu. Não. Melhor não atravessar, não. Por enquanto, morrer não tá valendo muito a pena pra mim. Nota mental: fazer alguma coisa que preste. Puta que o pariu, tenho que entregar o texto dessa semana.

Se o prédio tivesse 30 andares

Eu queria que esse prédio tivesse 30 andares. Ou de repente dois. Se tivesse 30 eu ia fazer amizade com todo o mundo que mora aqui. Se tivesse dois eu não ia falar é com ninguém. Mas se tivesse dois andares eles não iam precisar de ascensorista. Um elevador de dois andares não precisa nem de botão. Tinha que ter é 30. Nove andares é que não dá. Quando o rapaz do 701 fala bom dia seu Zé, eu digo bom dia, como vai o senhor, e ele diz mais ou menos a minha hérnia voltou a atacar, e eu digo tem um remédio excelente pra hérnia, é só pegar um pouco de sálvia e colocar num potinho, pronto já chegou no sete. Ele diz me explica da próxima vez pra gente não prender o elevador, só que ele não vai lembrar de perguntar e nem eu vou lembrar de contar e mesmo que eu lembre não vai ter mais clima nenhum de falar de hérnia. *A gente só quer falar de hérnia quando a gente tá com hérnia e olhe lá*, uma vez minha esposa disse. Isso foi antes de ela me largar. Ela disse que eu só falo coisa que não interessa a ninguém na hora que ninguém quer saber. Mas isso faz muito tempo. Ela não falava era com ninguém. Mas ela não mexia com elevador. Aí é fácil. Quando a gente mexe com elevador é diferente. A gente mexe com seres humanos. E acaba se envolvendo. Nove andares é o bastante pra ouvir um pouquinho da conversa da moça bonita que trabalha no 902 e saber que a patroa dela não gosta de batata corada, só de batata noisette,

e quando eu pergunto como é que é uma batata noisette, ela diz é redondinha e crocante, e quando eu pergunto como é que faz batata noisette, já tá na altura do sexto andar e eu penso que não vai dar tempo dela explicar, e quando eu penso isso já tá no sete e ela diz é complicado não vai dar tempo de eu explicar, e aí eu digo bem que o prédio podia ter 30 andares só pra você me explicar, e ela diz Deus me livre, morro de medo de altura, e daí eu ia dizer se o prédio tivesse 30 andares a gente podia até namorar, e ela ia dizer taí, isso não é uma má ideia, daí a gente ia parar o elevador e namorar ali mesmo. Se o prédio tivesse 30 andares. Só que não tem. E a porta já abriu há muito tempo e ela já foi embora e disse tchau seu Zé. E eu não namorei ninguém. E não fiz nem uma amizade daquelas de sair pra tomar uma cerveja depois do expediente. Ah, se esse prédio tivesse 30 andares. Mas não. Minha mulher é que tinha razão. Eu não vou mais falar é com ninguém.

Breve história da internet

Conheceram-se na sala “dez a 15 anos” do bate-papo UOL. De onde teclas? Ele teclava de Belo Horizonte, ela de Caxias do Sul. Ele deu um número de ICQ. Passaram dias ao som de oh-ou e navios partindo. Ele pediu uma foto. Ela não tinha foto. Descreveu-se ruiva (não era). Ele se apaixonou perdidamente.

Pediu o e-mail dela: era do iG, por causa do cachorrinho. O dele era Zipmail, por causa da Luana Piovani. Mandou um poema. Ela respondeu dez minutos depois. Trocaram todo tipo de poemas e cartas de amor. Até a caixa postal dele lotar, uma semana depois. Ele apagou todos os e-mails que não eram dela (ou pra ela). Não eram muitos.

Logo lotou de novo. Migraram para o Hotmail. A caixa postal era um pouco maior. Conheceram o MSN. Ele pediu uma foto. Ela pintou o cabelo de vermelho só pra tirar a foto. Mandou. Ele gostou mais ainda. Ela fez um fotolog só com fotos dela. Pra ele. O fotolog fez sucesso, não só com ele. Combinaram de se encontrar em São Paulo. Ele foi, ela não. Pararam de se falar por um tempo.

No Orkut, ela encontrou ele dois anos mais velho. Ela pediu desculpas em um lindo testimonial. Ele aceitou. Passaram a trocar scraps. Ele era um figura popular, tinha criado a comunidade do Pearl Jam. Ela criou “Adoro Banho Quente”,

comunidade popular mas não tanto quanto sua rival “Odeio Banho Gelado”. Combinaram de se encontrar em São Paulo. Os dois foram. Beijaram-se assistindo a *Era do Gelo*. Ou não assistindo. Começaram um namoro à distância.

Foram meses difíceis de MSN, até que inventaram o Skype. A vida mudou. Beijavam a tela, dormiam abraçados com ela. Ele fez uma música para ela e postou no YouTube. Ele ganhou seguidores no Twitter. A caixa postal do Hotmail lotou. Migraram para o Gmail e sua caixa infinita (ou quase).

Ela foi pro Rio de Janeiro fazer faculdade. Ele foi atrás. Entraram no Facebook quando não tinha quase ninguém. A foto de cada um era a cara do outro. Moravam juntos, dividiam o mesmo computador, compartilhavam os mesmos vídeos. O Gmail e sua estranha mania de não dar logout automaticamente fizeram com que ela lesse toda a sua correspondência. Ele ficou puto com o que ela leu. Ela ficou puta com o que ele tinha escrito. Quase terminaram.

Preferiram comprar outro computador. E cada um passou a ter uma senha. Riram muito no 9gag. Recusaram-se a entrar para o Google Plus. Hoje falam-se o dia inteiro no Whatsapp. E o Instagram deles é só fotos do bebê.

Werner

Quando nasceu, no mesmo quarto acontecia um parto espetacular. Era o primeiro parto de sétuplos do mundo e a mãe dos bebês havia convidado todas as emissoras do país a televisionarem o recorde. No mesmo momento em que todas as câmeras focavam na grávida recordista, nascia, ao fundo do quarto, todo desfocadinho, um bebê chamado Werner, o primeiro bebê-figurante da história.

Quando pequeno, na escola, Werner estava sempre no meio da massa de alunos, sem jamais se fazer notar. Ninguém se lembrava do seu nome, apesar de tão particular. Conheciam-no ora como menino ora como ei, psiu ou você. Quando tentava dizer algo, era reprimido e mandado para o fundo da sala. Logo descobriu que estaria condenado a sentar no fundo. Mesmo quando não estivesse sentado lá. Quando, por acaso, se sentava na primeira fila, era no fundo que as coisas aconteciam. Quando passava pro fundo, o fundo voltava a ser só o fundo.

Um dia, resolveu fazer uma loucura: saiu de casa vestido com o maiô da mãe. Descobriu que não era o único. Talvez fosse o mais discreto. A rua estava tomada de homens vestidos com as roupas da mãe e de mulheres vestidas de roupa nenhuma. Era Carnaval.

Ao contrário do que poderia se pensar, sua vida não era um tédio. Muito pelo contrário. Ao seu lado sempre aconteciam

as coisas mais fantásticas. Bastava ele sair de casa para que prédios pegassem fogo, super-heróis dessem um rasante para salvar alguma menina indefesa e um homem-bomba se partisse em mil pedaços. Ele só observava, perplexo, e conversava com as pessoas ao seu lado (sem fazer muito barulho).

Aprendeu a falar baixo, para não atrapalhar a ação principal. Aprendeu a concordar com o que estavam dizendo. Aprendeu a gesticular como quem concorda. Quem está em segundo plano nunca discorda. O pessoal desfocado passa a vida concordando. A não ser em fase de protestos. Lá estava ele, na Paulista, discordando. Educadamente. Como quem concorda.

Descobriu os prazeres de não ser notado. Nunca foi julgado. Nunca disseram dele: esse aceno de cabeça foi meio torto. Esse abraço desfocado não está muito crível. Ele só passava, sorrindo. E passou a ser bom nisso. Quando passava, as pessoas se sentiam melhor. Passava tão sem intenção, tão sem objetivo, tão somente por passar, que parecia que estava tudo em ordem.

Até que um dia Werner morreu. Ou melhor, foi demitido. Olhou para a câmera.

Piada

Um português, um francês e um americano estavam no deserto quando perceberam que estavam dentro de uma piada. Foi o português quem primeiro perguntou: o que é que nós estamos fazendo aqui, ó pá? Ao que o francês respondeu, com leve sotaque: se você está falando “ó pá” isso só pode ser uma piada, porque nenhum português de verdade fala assim.

Ao que o americano respondeu: e se nós que nem portugueses somos estamos falando português, e ainda por cima com esse sotaque tão malfeito, é porque isso só pode ser uma piada.

Já estou morrendo de sede, disse o francês, precisamos sair daqui o quanto antes. Ao que o português, que não era burro e tinha ido parar ali na piada por engano, respondeu: talvez algo de engraçado precise acontecer, talvez a gente precise encontrar a graça da piada pra conseguir sair daqui. Talvez se encontrássemos uma lâmpada, disse o americano, piadas de deserto costumam envolver gênios, lâmpadas, três pedidos, e no terceiro pedido, puf: a graça.

Os três cavaram por horas, sem qualquer vestígio de graça ou lâmpada. O francês teve uma ideia: nós só vamos sair daqui quando o português disser ou fizer uma estupidez. Ao que o português disse que era contra a perpetuação desse tipo de preconceito. Os outros dois pediram que ele batalhasse por

essa causa depois que já tivessem saído da piada. E o português desandou a gritar estupidezes, a contragosto. Não teve graça. Partiu para o humor físico. Tropeçou, comeu areia, imitou um camelo. Nada.

Foi aí que lhe veio a ideia: talvez não fosse uma piada de português. Talvez fosse uma piada de francês. Algo relacionado ao fato dele não tomar banho. O francês disse que era limpíssimo e que o mais provável era que a piada em questão recaísse sobre o americano. Este disse que nunca tinha visto uma piada de americano, que só torna essa piada melhor, respondeu o francês, porque ela é inesperada. O americano fez meia dúzia de americanices, sem efeito.

Eis que no horizonte surge, esbaforida, uma loura. Alguém viu meu papagaio?, ela pergunta. Perfeito!, diz o francês. É nele que mora a piada. Surge o papagaio. Mas ele é do tipo que não fala. Eles desistem. Exaustos, refestelam-se na areia, moribundos. Talvez isso não seja uma piada, diz o português. Talvez isso seja só uma coluna de jornal, que não precisa de graça para acabar. Talvez acabe de repente, sem piada. O que é que a gente faz?, pergunta a loura. Espera, ele responde. Espera.

A vida no hospício

JORGE

Nada mais divertido que morar num hospício. Dá trabalho se fingir de louco. Mas vale a pena. O aluguel é de graça, a comida não é ruim e você ainda tem diversão 24 horas por dia. Melhor que TV a cabo. Tem um gordo que acha que é Napoleão. A parte engraçada é que ele é gordo. E tem dois metros de altura. E nem sabe direito quem foi Napoleão. Tem a Dona Valda, que acha que é dona disso aqui. Tem um louco, o Edmir, que acha que eu sou um armário e inventou que quer guardar coisas dentro de mim. Às vezes passa horas me perseguindo. É hilário. Outro dia tivemos um embate físico. Mas nada grave.

EDMIR

Eu devia ter feito veterinária, passava o dia cuidando de gatinho. Mas não. Passo o dia limpando cocô na parede e conversando com Napoleão. De todos os ramos da enfermagem, saúde mental é o mais ingrato. Sobretudo num hospício moderninho onde o paciente não usa camisa de força. Outro dia tomei um tabefe do Jorge, que não queria tomar o haldol e saiu gritando: “Eu não sou seu armário!” Pra piorar, a Dona Valda, que é a proprietária disso aqui, me obriga a tomar um remedinho. Ela diz que é bom pra eu sentir na pele o que os loucos sentem. Resultado: tremedeira, babação. Eu devia ter feito veterinária.



foi composto em caracteres Hoefler Text
e impresso pela Guide, Artes Gráficas,
em papel Coral Book de 80 g,
em Setembro de 2015.